Ano VII Lisboa, 17 de Novembro de 1932 N.º 356

DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

DESENHOS DE A. CASTANÉ

«*Tim-tam-tim-tim*» era um lindo palhaço de pasta, serradura e trapos. Com dois pratos metálicos nas mãos, passava a vida a tocar —«*Tim-tam-tim-tim!... Tim-tim-tam-tam!...*»

Fizera a alegria de muitos meninos e meninas, de muitos loiros bèbés. Mas já de nada servia; já não possuia pratos, tinha o seu lindo fato debotado e rôto, emfim, sentia-se, com tristeza, velho e desprezado.

Atirado para o asilo dos brinquedos partidos, velho baú na casa da arrecadação, «*Tim-tam-tim-tim*», saudoso da sua mocidade agitada, da vida alegre que levara, decidiu escrever um pequenino livro de memórias.

São essas memórias que hoje aqui vamos reproduzir, pois logo na primeira página dêsse ingénuo livrinho «*Tim-tam-tim-tim*» inscrevera a seguinte lisongeira e amável dedicatória: —*Aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum», cujas lindas histórias tantas vezes ouvi ler aos meus antigos donos, para que êles fiquem sabendo quanto vale e é útil tão engraçado brinquedo como eu fui.* E, na página imediata, «*Tim-tam-tim-tim*» principiava assim:

Nasci num dia de Primavera, numa alegre oficina de bonecos de pasta, pomposamente intitulada Fabrica Manual de Brinquedos.

Entrava a luz a jorros por uma claraboia, pondo a secar ao sol outros recem-nascidos como eu, pintados e retocados de fresco pelas hábeis mãos duma pequena operária deveras habilidosa. Haviam, como eu, já passado por mil tratos de polé, de mão em mão, desde a modulação da argamassa de papel e farinha, que constituia o nosso arcabouço físico, à confecção e aplicação do nosso ves-

(Continua na página 4)

A BEXIGA DE PORCO, O SAPO SAPUDO E OS MENINOS TOLEIRÕES

POR um canudinho
que faz de rabinho,
o Zé duma figa,
assopra, de bôrco,
enorme bexiga
em forma de porco.
E ao vê-la inchar tanto,
o Zé duma figa,
lembra-se do canto:
— rebenta a bexiga!...

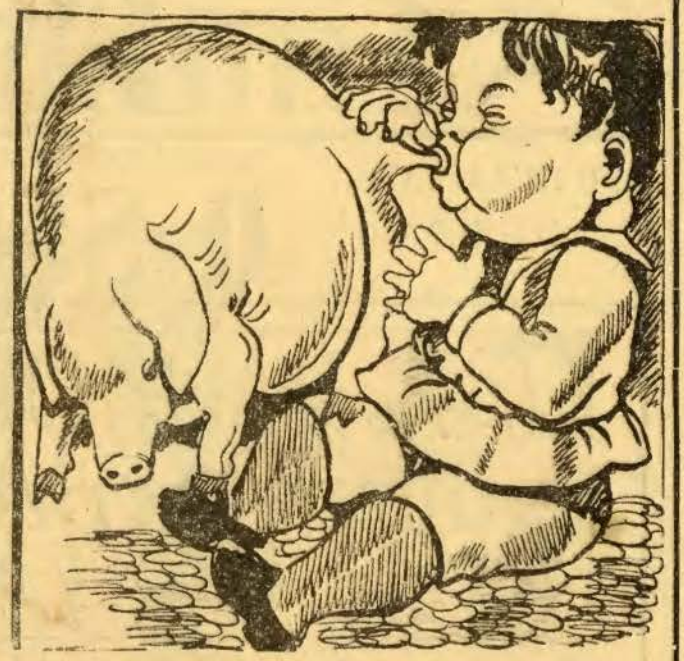
Contudo, no intento
de ver o porquinho
cheinho de vento,
assás vermelhinho,
de grande bochecha,
o Zé duma figa,
vai sempre assoprando,
de enchê-lo não deixa.

Mas vai, senão quando,
o Zé duma figa,
ao ver o volume
da grande bexiga,
lampreiro, presume
que é só questão d'ar,
questão de assoprar,
torná-lo tal qual
o gordo suino
que viu num curral
fossando no estrume.

Que tolo menino,
bem tolo, afinal,
pois tanto soprou
insistentemente,
tanto o porco inchou
que, sùbitamente,
fez:—*Pum!...* rebentou!

Nesse mesmo dia,
em certa lagôa,
que havia
lá no seu quintal,
em Lisbôa,
o Zé duma figa,
para se esquecer
da sua bexiga
de pôrco,
foi ver,
oculto, de bôrco,
atrás dum salgueiro,
dois sapos que havia
nadando,
coaxando
de noite e de dia
naquele chiqueiro
d'água pantanosa,
e viu esta cousa
deveras estranha:

Um sapo sapudo,
bastante pançudo,
tanta água bebia,
de bôrco,
que tinha a barriga
já quási tamanha...
tal como a bexiga
de pôrco.



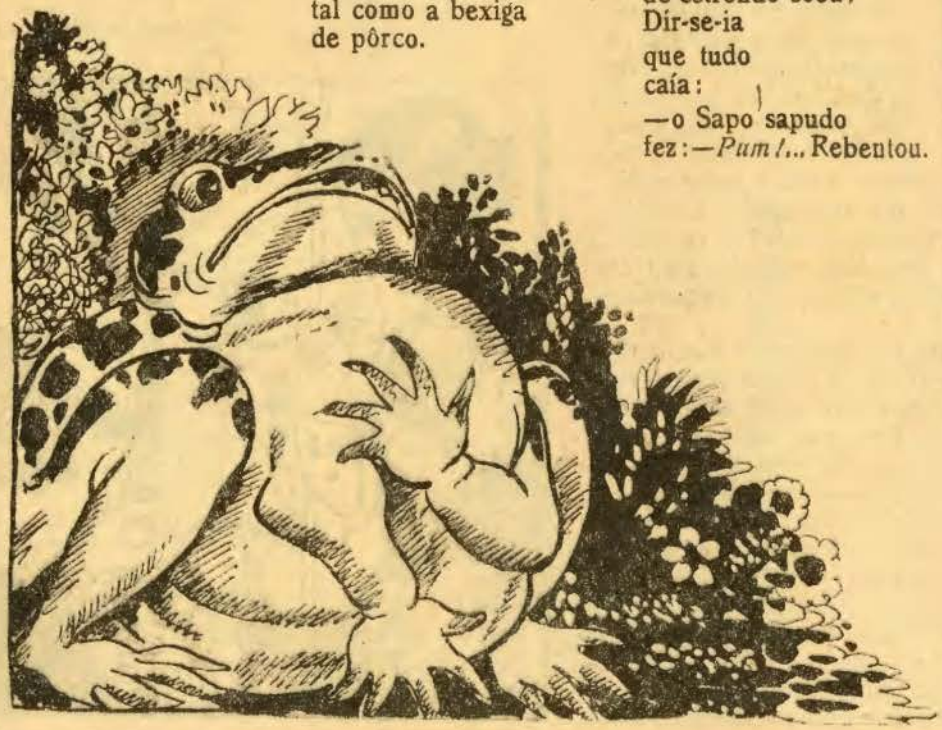
E impava de orgulho,
mostrando o bandulho
tão grande, tão cheio,
que o outro sapinho
com medo, receio
do sapo vizinho,
deu, logo, um mergulho.
Mas, nisto, um barulho
de estrondo soou!
Dir-se-ia
que tudo
caía:
—o Sapo sapudo
fez:—*Pum!...* Rebentou.

* * *

Há certos meninos
tal qual as bexigas,
em forma de suinos,
que de ar vão inchando
as barrigas;
ou como êste sapo
que, ao outro, ostentando
o seu papo,
por fim rebentou!

Por isso um conselho,
com toda a franqueza,
vos dou:
— mirem-se
remirem-se,
aqui, nêste espelho.

Pois quem faz alarde
duma fortaleza
que só aparenta,
mais cedo ou mais tarde,
faz: — *Pum!* e rebenta!



AUGUSTO
DE
SANTA-RITA

CARTA HIEROGLIFICA

FOLHETIM DO PIM-PAM-PUM, por Mateus Junior

(Continuação do numero anterior)

Tu, embora fôsses dos últimos a entrar nesta associação, vais suceder-lhe e esperamos que, apesar de teres o n.º 13, conduzas a nossa sociedade a um grão elevado de desenvolvimento.»

Terminado êste breve discurso, todos aprovaram com um sinal de cabeça e, assim, foi eleito chefe dos contrabandistas, Alberto, o filho daquele que desarecera nas águas do rio, morto pelos guardas aduaneiros.

III

Terminada aquela magna assembleia, todos debandaram.

Alberto foi dos últimos a sair. Seguia-o um companheiro, amigo dedicado, o «Pé Leve», um tipo invulgar, de grande estatura, senhor de maus fígados mas, também, de grandes fanfarronadas. Ia resmungando por entre os dentes: «Se apanho aquele que matou o teu pai, racho-o...» e completava a frase com um gesto sinistro, deixando ver bem quanto havia de mau, em sua alma perversa.

Isto custava a Alberto, que sentia pelo companheiro uma certa repugnância.

E' que o novo chefe, apesar de viver entre aquelas almas empedernidas, tinha um coração sensível, embora adormecido.

Outras reuniões se seguiram àquela em que fôra eleito chefe. Na última, assentou-se que todos, por diferentes lados, tentariam passar uma importante remessa de sedas.

E, uma bela noite em que a morte do contrabandista já começava a entrar no rol do esquecimento, lá partem todos, a cumprir, cada qual, a sua missão.

Alberto seguia para uma vila junto da raia.

Fornecia-se do armazem do sr. D. Rodajas, um espanhol que falava pelos cotovelos, mas bôa pessoa.

Tinha êste uma filha a — Consuelito — uma rapariga, de raça andalusa, muito meiga e com uns olhos vivos e grandes, pretos, da côr do cabelo.

Consuelo sentia pelo contrabandista

(Continua na página 5)

Memorias dum palhaço de pasta

(Continuado da página 1)

tuário garrido, desde a estrutura grosseira das formas primitivas, ao requinte final dos últimos retoques a tinta de óleo e verniz.

Em boa ou má hora, finalmente nascido, fui atirado ao mundo, passando dessa oficina à montra duma loja. Vi, então, desfilar em minha frente, através dos vidros, uma infinidade de gente, principalmente bèbés. E comecei, então, a sofrer com pena das criancinhas pobres que tanto me cobiçavam e me não podiam comprar. Um dia, ouvi um diálogo entre dois pequenitos de pé descalço que muito me comoveu: Dizia o mais novo ao mais velho, que devia ter oito anos: — «Se eu tivesse dinheiro para comprar aquele palhacinho, seria a pessoa mais feliz dêste mundo!»

— «E eu! (exclamou o outro, acrescentando:) — Vamos pedir esmola e quando tivermos o dinheiro preciso, viremos comprá-lo!» O mais novo aprovou satisfeito e foram...

Meia hora depois, entrava na loja uma menina, filha de gente rica que, em companhia da mestra, uma «*miss*» inglesa, me adquiriu em troca duma nota de dez escudos. Fui novamente metido na caixa de cartão, em que viera da Fábrica, e nada vi mais, durante meia hora, talvez.

Dentro da caixa, fui todo o tempo a pensar nos garotinhos descalços, que tanto me haviam cobiçado e que andavam esmolando àquela hora na esperança de poderem juntar o dinheiro preciso para me adquirirem, mal contando com a decepção que passariam, quando viessem a saber que já

me tinham vendido como um simples escravo em épocas remotas. Coitaditos!

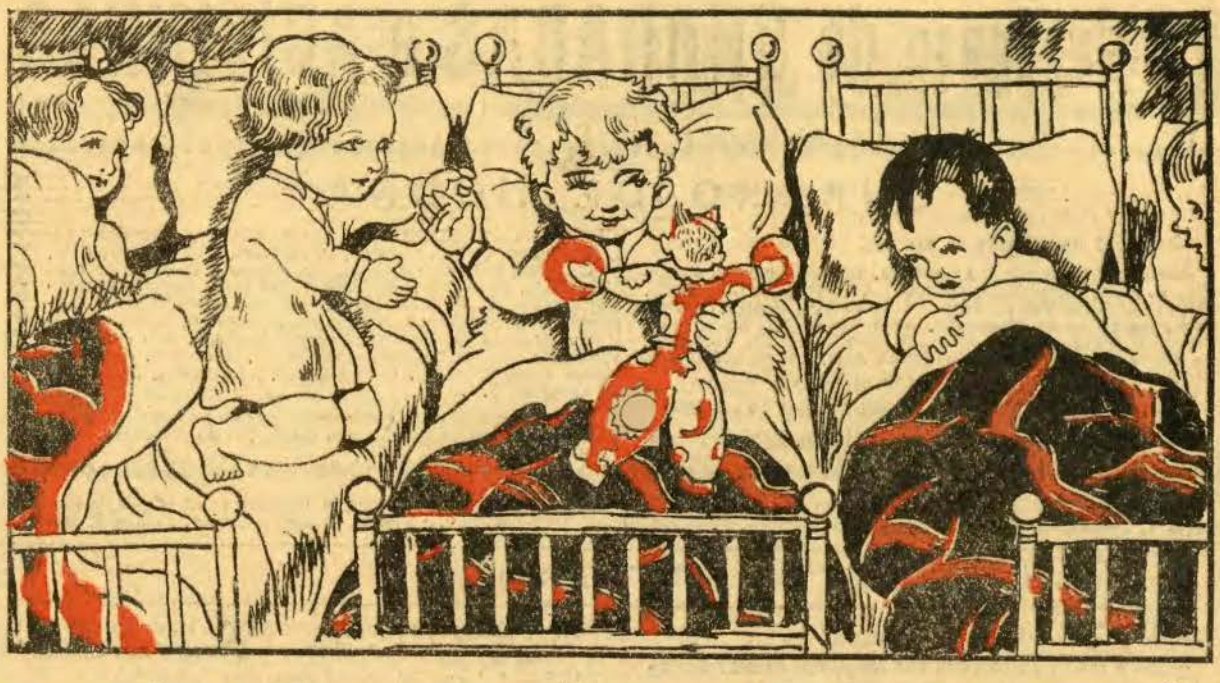
Passado algum tempo, porém, notei que estavam desembrulhando a caixa e, sùbitamente, a tampa levantou-se. Vi-me, então, numa casa luxuosa, cheia de luzes electricas, entre meninos finos. Todos me olhavam com estranha curiosidade. A menina que me havia comprado, com o seu dedito polegar, comprimiu-me o peito e puz-me a bater pratos entre a geral risota dos restantes meninos. Andei de mãozinha em mãozinha, a bater pratos e a dizer sem querer o meu nome: — »*Tim-tam-tim-tim!*» «*Tim-tam-tim-tim!*» «*Tim-tam-tim-tim!...*»

Porém, dois dias depois, vi-me abandonado, a um canto da casa das brincadeiras. Cheguei, então, à conclusão de que os meninos ricos são ingratos e facilmente esquecem aqueles que os beneficiam, divertindo-os, fazendo-os rir. Cheguei a ser pisado e, uma vez, bati pratos no chão, contra vontade, à pressão dum pèzinho no meu peito.

Um belo dia, ouvi a mãe da minha compradora, exclamar: — «Luizinha, acabo de receber um oficio da Direcção da Infância Desvalida, pedindo-me, para as criancinhas pobres, os teus brinquedos usados. Vai buscá-los, pois é um dever dos ricos protejerem os pobres».

Num grande embrulho, entre um automovel de corda já partida, um barquinho à vela, já sem leme, uma boneca sem um braço, um engraçado polícia sinaleiro, um boizinho, de pasta como eu, e uma caixa imcompleta de soldados de chumbo, lá mergulhei, novamente, nas trevas, para, novamente, ver a luz do dia, meia hora depois.

Encontrei-me, então, subitamente, numa enfermaria de crianças. Uma senhora de bata branca, começou a fazer distribuição de brinquedos aos pequenitos doentes. A' medida que os ia distribuindo, eu ia observando as expressões radiantes com que êles os recebiam. Coube por fim a mi-



nha vez. A que delicadas mãozinhas eu iria parar?! Qual não foi, então, o meu agradável espanto ao encontrar-me na posse do pequenino que, descalço, em frente da montra, propuzera, ao mais velho, irem pedir esmola para me adquirirem. Loucos de entusiasmo, os pequenitos enfermos divertiam-se com os brinquedos que tanto tempo haviam estado desprezados na casa das brincadeiras. da ingrata menina rica, mas que, todavia, ao bom conselho maternal, anuira, de bom grado, à caridosa esmola em benefício dos pobrezinhos enfermos que batiam as palmas, radiantes, ao mesmo tempo que, jubilosamente, eu ia batendo os pratos. Foi esta uma das épocas mais felizes da minha vida.

Enternecido pela grande alegria das criancinhas pobres, resolvi, então, escrever estas pequenas memórias, para que, ao lerem-nas, os meninos ricos, que teem esquecidos brinquedos na casa das brincadeiras, se lembrem dos meninos pobres que, nas tutorias, creches ou hospitais infantis, aguardam, anciosamente, a generosa oferta dêsses «bonitos» usados.

F I M

O CONTRABANDISTA N.º 13

(Continuado da página 3)

uma certa afeição. traduzida em longas e amiudadas conversas, elogiosas à sua pessoa.

Este é que não via, ou fingia ignorar, essa afeição, traduzida em ternos olhares e bons conselhos.

Bastantes vezes ela lhe pedira que deixasse tal vida cheia de perigos.

Sempre encontrara uma resistência tenaz.

Nesse dia os conselhos repetiram-se mas com o mesmo resultado das outras ocasiões.

Alberto, depois de concluido o negócom o tio Rodajas, tomou o rumo da fronteira, sendo favorecido por uma noite escura como o breu, e, carregada de nuvens pesadas, ameaçando chuva.

A sua marcha era apressada, seguindo um atalho que distava uns quilómetros do pôsto mais próximo.

«Não havia, portanto, perigo» — pensava êle.

E, tranquilamente, seguia o caminho, não reparando num vulto que o esperava, cortando-lhe a carreira.

Chocou com êle e, só então, compreendeu que fôra apanhado como um manso cordeirinho.

A fuga era impossível. Ficou hirto como uma estátua, olhando aquêle que, tão facilmente, o prendera.

«Segue-me...» disse o desconhecido guarda.

Encetaram os dois uma marcha penosa através de montes e vales, cobertos de mato que, por vezes, feria as pernas, dificultando o andamento.

Chegaram, finalmente, ao pôsto.

Nessa noite, Alberto não poude dormir, pensando nos acontecimentos da vida perigosa que levava.

Maldito número 13 que ainda não me déste sorte alguma — (dizia Alberto, no auge do cruel desespero). — E ficava-se, longo tempo, olhando um ponto fixo...

De manhã, ainda o sol mal nascera, já um guarda batia, violentamente, à porta, avisando-o de que a marcha, caminho da vila, ia recomeçar.

Pouco depois, marchavam estrada além...

Chegados ao seu destino, esperava-os uma multidão ameaçadora, que o apupava a todos os momentos.

Sôbre a cabeça do prêso pesava a grave acusação dum crime de morte, praticado na pessoa dum guarda.

Aventavam-se as hipóteses mais absurdas.

«Sim, não há dùvida, vingou-se da morte do pai».

«Assassino! assassino!»

Os gritos dessa multidão acusadora, sacudiam, violentamente, Alberto, ecoando no fundo de sua alma adormecida e insensível a sentimentalismos.

Chegaram, finalmente, e a muito custo, to, à cadeia, uma enxovia de velhas paredes.

Alberto foi lançado na prisão, fortemente gradeada, tendo, unicamente, uma janela de largas vistas para o quintal do carcereiro.

Era a única vantagem de que gosava o prisioneiro.

Podia apreciar aquele belo sol de inverno.

O dia passou-o sem novidade de maior, até que a noite, com o seu manto de treva, invadiu a cela.

(Continua no próximo número)

1º Concurso de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

CAMPEÕES DAS SÉRIES VI A X COM DIREITO AO SORTEIO

Anibal Ortiz Martins, Andorinha, Bé, Cuca e Nico, Cochicho, D. Fafe, Desportista, Detective Amador, Ego, El-Magrito, El-Magro, Edith Mary, Fakir, Fidalgo dos Santos, Hellos, Izabel Maria, José Hespanha, Leão das Selvas, Manuela da Vizitação Sereno, Mibel, Mascote, Morgan, Necas, Perdigota, de Entre-Campos, Pica Pau, Texas Jack, Um de Marmelete, Um Obidense, Zéca, João Batista Campina J.er,

CAMPEÕES DAS SÉRIES VII A XI COM DIREITO AO SORTEIO

Aguia Francosana, Anibal Ortiz Martins, Antonio Barros, Arsénio Lupin, Antero dos Santos Ribeiro, Angelita, Bè, Babeta, Cuca e Nico, Cochico, D. Pèricles, Doutor Charadista, Desportista, Detective Amador, Dr. Planaça, D. Quixote, Ego, El-Magrito, El-Diabito, El-Magro, Edith Mary, Fakir, Fidalgo dos Santos, F. de Ravachol, Hellos, Izabel Maria, José Hespanha, João Lourenço, José Maria (Campeão), Kalifa, Largalixa Nervosa, Lita, Mascote, Morgan, Nécas, Nando Januario, Perdigota de Entre-Campos, Pica-Pau, Pirarnan, Rigoleto, Texas Jack, Tininhas, Um Obidense, Zé Quitolas, Zéca, João H. Campina J.er.

Pedimos a todos estes concorrentes que nos enviem o seu retrato paaa ser publicado, nas condições do Concurso.

Premiados nas Séries V a IX — (Com um lindo livro) — Bananiz, Izabel Maria, Abelha Mestra, (com uma construção de armar). Manuela V. Sereno, Edith Mary, Armando Saturnino, Fakir, Cochicho, Manecas de S.tº Amaro, El-Magrito, Zéca, El-Magro, Hellos.

XIV Série

CHARADAS EM FRASE

1.ª — Este *policia* apanhou um *temporal* apesar de levar este objecto de uso doméstico. 3-2
Delfina Pitorra

2.ª — No *oceano* encontrei o *apelido* de um fruto. 1-2
Juju

3.ª — No *nariz* a *ave* areja. 2-2
Anisio de Azevedo Soares

4.ª — Vi no *membro* desta *ave* uma pedra preciosa. 1-2
D. Quixote

5.ª — Esta *madeira oferece* a maneira de calcular. 3-1
Rui Silva

CHARADAS AUMENTATIVAS

6.ª — Da *colmeia* tira-se este *fruto*. 1-2
Ricardito

7.ª — Com este *ponteiro* bati no *homem*. 2-2
Jodasilo

8.ª — Neste *rio* caiu a *fruta*. 2-2
Asor

CHARADAS SINCOPADAS

9.ª — O *verdugo* está *partido*. 3-2
H. Moniz

10.ª — Há muitas *ruas pequenas* nas pequenas *povoações* 3-2
Vidalegre

11.ª — *Homem* eu *tenho fogo!...* 3-2
Micles de Tricles

12.ª — Esta *peça de vestuario* está no meu domicilio. 3-2
Fidalgo dos Santos

13.ª — A *larva* foi morta com esta *folha*. 3-2
Alfredo Lopes Cascais

14.ª — Este *esfomeado* não tem *vestuario*. 3-2
Jobista Júnior

15.ª — Esta *casca* parece-me um *antílope*. 3-2
El-Magro

CHARADAS ELECTRICAS

16.ª — O *passaro* dirigiu-se para aquela *propriedade*. 2
H. Moniz

17.ª — O *cheiro* vem do *pacote*. 2
Micles de Tricles

18.ª — O *Deus* passaria por este *canal*. 2
J. O. T.

CHARADAS DUPLAS

19.ª — Aquele rio suja tudo. 1

20.ª — Aquele homem é um curso de água. 3
Um rival de Texas

As decifrações destas charadas, devem estar em nosso poder até ás 6 horas da tarde do dia 26 de Novembro (sábado).

Pedimos desculpa a todos os concorrentes premiados da demora que tem havido na entrega dos respectivos prémios, os quais já devem estar a esta hora em seu poder.

TIO TÓNIO
Rua do Seculo, 43
LISBOA

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 354 (XII Série)

1.ª — Bala-balão
2.ª — Julia-Julião
3.ª — Crista-cristao
4.ª — Dobra dobrão
5.ª — Olho-olhão
6.ª — Missa-missão
7.ª — Pata-patão
8.ª — Labutes-Setubal
9.ª — Animal-lamina
10.ª — Marina-mana
11.ª — Francisco-franco
12.ª — Garoto-gato
13.ª — Século-selo
14.ª — Mandato-manto
15.ª — Mudado-mudo
16.ª — Amaro-aro
17.ª — Materia-Maria
18.ª — Peçonha-penha
19.ª — Palonço-paço

MAIS CONCORRENTES PREMIADOS

EGO — Emilio Quaresma de Almeida

REI DA ITALIA — Victor Manuel da Rocha Gomes

EL-REI GOMOS V — Elviro Augusto da Rocha Gomes

MARIA DE LOURDES — Maria de Lourdes da Rocha Gomes

BER-LATINO — Albertino Adelio Rocha Gomes

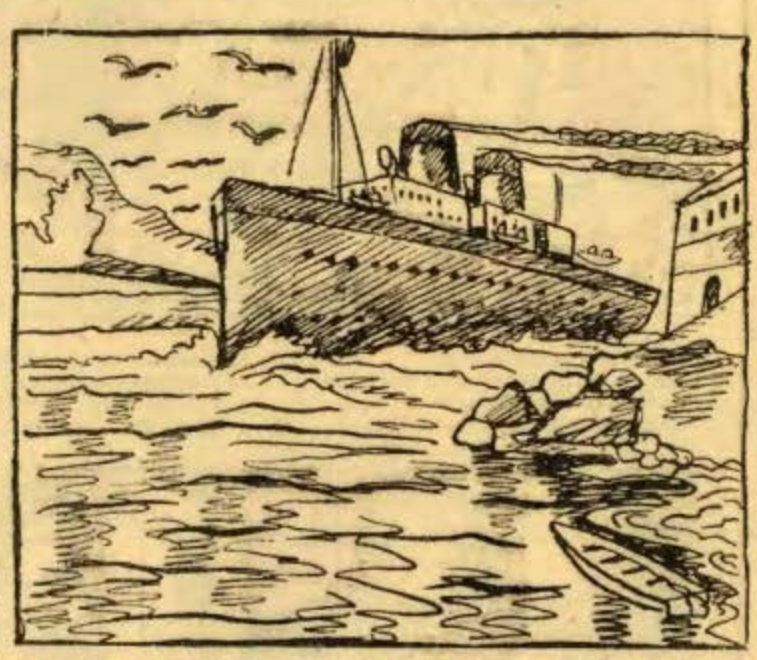
O PRESBÍTERO — Eurico Aquiles Seixas

HORA do RECREIO

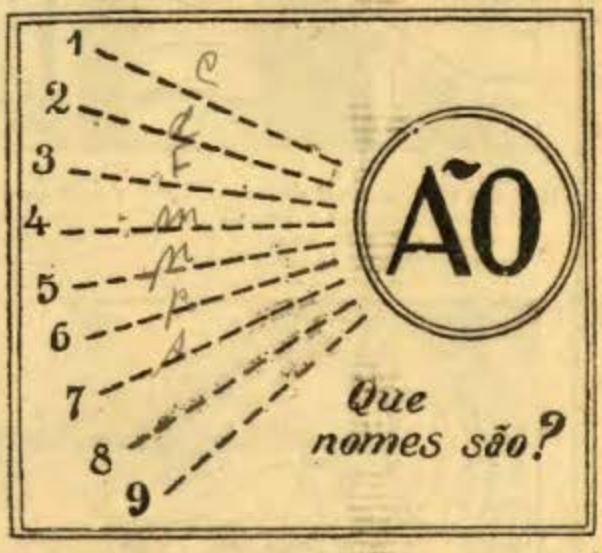
ADIVINHA

Meus meninos: — Vejam se descobrem onde se meteu o coelho que êste caçador se dispunha a matar

PARA OS MENINOS COLORIREM



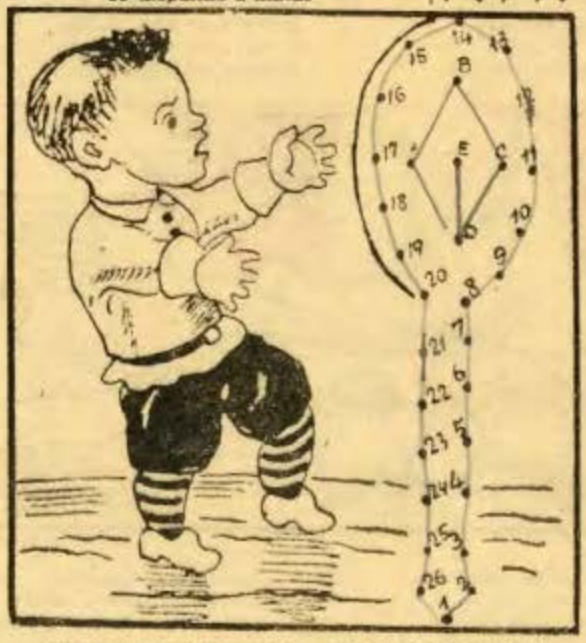
ADIVINHA



Substituir os números por letras, de maneira a formar palavras acabadas em AO.

Sinónimos:

1 — animal doméstico
2 — oferecem.
3 — maestro português.
4 — parte do corpo.
5 — negação.
6 — alimento.
7 — bom.
8 — advérbio de quantidade.



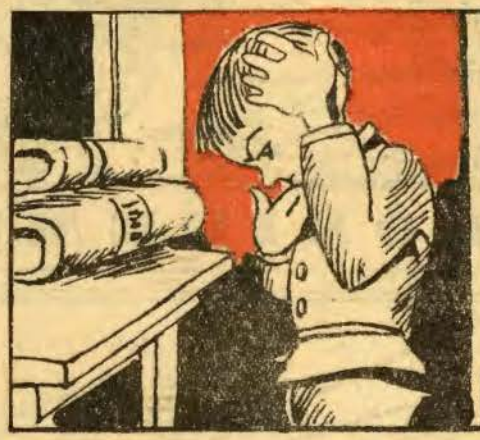
Que terá visto êste menino, que tanto o assustou?

A LEMBRANÇA DO CHICO-LARICO

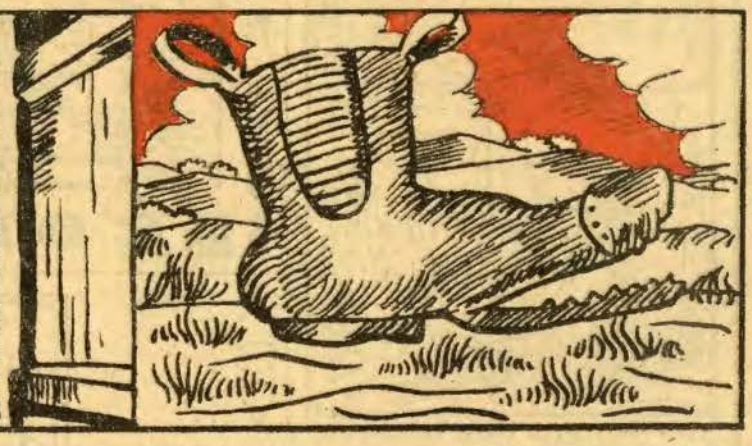
I — Com ar de caçador rico,
vale em vale, escombro em escombro,
andava o Chico - Larico
com sua espingarda ao ombro.

II — Mas como esta caçadeira
de fulminantes só era,
não encontrava maneira
de caçar como quizera!

III — E o nosso Chico-Larico,
com um dedito na testa,
dizia: — «Que mafarrico
de espingarda, que não presta!»



IV — Em casa dava mil tratos
ao seu bestunto, a pensar,
vendo, na lagôa, os patos,
como havia de os caçar?!...



V — Deparando, um certo dia,
velha bota abandonada,
tão rôta que se diria
'star de bôca escancarada,

VI — bateu dois dedos na testa,
lembrou-se de a utilisar,
e com ela fez a festa,
para os patinhos caçar.

VII — Atou-lhe, á ponta, um cordel
e, indo buscar paparoca,
á laia d'isca, então êle
escondeu-se e pôs-se á coca!

VIII — Logo um patinho, nadando,
como um patinho caíu,
e a bota, bota não dando,
o seu papel bem cumpriu.

IX — Chico-Larico, contente,
batendo as palmas, dizia:
— «É sempre bom ter a gente
um pouco de fantazia!»